

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Julie Daiani Deboer Arend

**ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA
DOCÊNCIA**

Santa Maria, RS

2016

Julie Daiani Deboer Arend

ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil

Orientadora: Prof^a Dr^a. Roseane Martins Coelho

Santa Maria, RS

2016

Julie Daiani Deboer Arend

ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil

Aprovada em 21 de setembro de 2016:

Roseane Martins Coelho, Dra. (UFSM)

(Presidente/Orientador)

Camila Borges dos Santos (UFSM)

Kelly Werle, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à minha orientadora, a Profa. Dra. Roseane Martins Coelho pela atenção e pela paciência com que me orientou durante a pesquisa, sempre disposta a me auxiliar.

Agradeço, a todas as educadoras entrevistadas, por dividirem comigo suas memórias de vida, suas experiências e dificuldades, pois sem elas não seria possível.

À minha família, meu marido Luiz e minhas filhas Maria Eduarda e Ana Clara pelo amor incondicional, compreensão e paciência.

Aos meus pais Lenoi e Mateus, por sempre me incentivarem a buscar conhecimento e por me auxiliarem sempre que precisei.

Às amigas e colegas, Morgani, Júlia, Viviane, Adriane, Fernanda e Maria Liane pela companhia e amizade de sempre nas viagens, por torná-las divertidas e animadas, por dividir angústias, pela amizade.

Enfim, a todos que fazem parte da minha vida.

“Dizem muito a respeito da vossa educação, porém, a melhor educação pode ser e é a lembrança maravilhosa, sagrada, preservada desde a infância. Se juntarmos muitas dessas lembranças conosco para a vida, então a pessoa estará a salvo para a vida toda. E até mesmo se uma única recordação permanecer conosco, em nosso coração, então poderá servir algum dia para nossa salvação.”

(Passagem do romance Irmãos Karamazov, de Fiodor Dostoievski, protagonizada pelo personagem Aliocha no enterro do menino Iliuchetchka, DOSTOIEVSKI, 2014, p. 878).

Citação utilizada pela professora Zoia Prestes, no V Seminário de Especialização em Docência na Educação Infantil, UFSM, 2016

RESUMO

ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA

AUTORA: Julie Daiani Deboer Arend

ORIENTADORA: Roseane Martins Coelho

As histórias de vida das professoras de Educação Infantil, constitui esta pesquisa, que se realizou em um diálogo de teorias, práticas e vivências. Através de entrevistas com as educadoras da Educação Infantil realizei um resgate de memórias relacionadas à primeira infância, às experiências com Artes, e o trabalho como docente na Educação Infantil. Os relatos e experiências, os saberes construídos nesta caminhada, teve como objetivo realizar reflexões sobre o tema Artes na Educação Infantil, podendo colaborar para a qualificação do trabalho das professoras de Educação Infantil e as experiências vividas pelas crianças. Os principais autores utilizados na pesquisa foram Goodson (2004), Hernández (2004), Coelho (2010), Rangel (2014), Barbieri (2012) e Pillar (1996).

Palavras-chave: Educação Infantil. Artes. Histórias de vida

ABSTRACT

ARTS IN THE EARLY CHILDHOOD EDUCATION: HISTORIES AND MEMOIRS IN THE TEACHING

AUTHOR: JULIE DAIANI DEBOER AREND
ADVISOR: ROSEANE MARTINS COELHO

The histories from teachers of Early Childhood Education, constitute this research realize in a conversation of theorys, practice and knowledge obtained by doing. By of interviews with pedagogues of the Early Childhood Education realize a rescue of memoirs to first infancy, to experience with Arts, and the job like a pedagogue in the Early Childhood Education. The narrations and experiences, the know constructed in the walking, have like intention realize reflections about theme Arts in the Early Childhood Education afford collaborate for a qualification for service of the educators in the Early Childhood Education and the experiences lively for kids. The substantial writer utilized in this research be Goodson (2004), Hernandez (2004), Coelho (2010), Rangel (2014), Barbieri (2012) and Pillar(1996).

Keywords: Early Childhood education. Art. Stories of life.

SUMÁRIO

1	CONSTRUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA	09
1.1	MEMÓRIAS.....	09
1.2	TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
1.3	PROBLEMAS E OBJETIVOS.....	17
2	DIALOGANDO COM AUTORES.....	19
3	A PESQUISA.....	27
3.1	Contexto da pesquisa.....	29
3.2	Contexto da Escola.....	30
4	NARRATIVAS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS PROFESSORAS.....	32
5	REFLEXÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	63
	ANEXO – QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS DOCENTES.....	65

1 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Neste capítulo abordo o processo de construção do objeto de pesquisa relacionado à minhas memórias e experiências, e apresento o problema e os objetivos, compreendendo que é um processo de construção resultado de minhas histórias e experiências inter-relacionadas com minhas colaboradoras de pesquisa no diálogo com autores que me elucidam nessa construção.

1.1 Memórias

Voltando aos tempos de minhas primeiras memórias, eis que consigo identificar em mim uma forte conexão com a infância. Sempre gostei ao passar dos anos, de conviver com as crianças da Educação Infantil. Parar para refletir sobre essas memórias, esse tempo, me leva a lembrar que sempre existiu entre mim e essas crianças uma cumplicidade no olhar, nos sorrisos e uma afinidade que parece muito natural, mesmo sabendo que essa é também uma construção social, talvez de gênero, pois na infância gostava muito de brincar com bonecas, de cuidá-las, imaginar que era a mamãe, me maquiando e andando com os sapatos de salto dela e usando suas bolsas. Logo que terminei o Ensino Fundamental conversei com meus pais sobre a vontade de ser professora. Ingressei então no Magistério, realizei o estágio e quando estava quase me formando consegui uma vaga de estagiária em uma Escola de Educação Infantil. Ali, nesta Escola me encontrei de fato. Me dei conta de que não queria trabalhar com Ensino Fundamental, queria mesmo era acompanhar as descobertas e aprendizagens dessas crianças pequenas que eu tanto me identificava. Ao ingressar então, na universidade, optei em realizar a Pedagogia com habilitação em Educação Infantil, onde só confirmei que estava na profissão que queria e com a faixa etária que tanto adorava.

Após trabalhar seis anos como estagiária, realizei o sonho de conseguir ser professora concursada de Educação Infantil em minha cidade. Ingressei em junho de 2009 e no ano seguinte, no mês de março, a missão mudou um pouco, e comecei a trabalhar na vice direção de uma Emei, passando dois anos depois para a direção onde venho exercendo até os dias atuais.

Iniciar na direção foi um desafio imenso, minhas responsabilidades quadruplicaram, uma vez que além de cumprir com a missão de professora, teria nas

mãos o compromisso de auxiliar na formação de outros professores, acompanhando o trabalho destes e tendo contato com todas as faixas etárias da Educação Infantil.

Ao compreender a imensa complexidade e a grande responsabilidade que tinha ao exercer minha nova função, achei fundamental voltar a estudar, onde realizei a Especialização em Gestão Escolar pela Escola de Gestores da UFRGS, e no momento termino a Especialização em Educação Infantil pela UFSM. É necessário estar em formação sempre.

Sempre penso que nossas memórias de infância são de fatos que de alguma forma marcaram nossas vidas, pois bem, tenho muitas memórias de minha vida escolar, e muitas delas relacionadas à arte.

Entre na Pré-escola aos 6 anos de idade, desde então convivia com familiares em casa, como sempre lembra minha mãe, “a Julie não se “adaptou” na creche”. Acho engraçado quando ela fala isso, pois quem não deve ter se “adaptado” a separação foi ela, mas ficamos com sua versão de que eu iria ficar doente se ela insistisse.

Sempre fui aquela criança tímida, que precisava estar perto da “profe” e sempre solicitava sua ajuda em casos de dúvidas. Adorava fazer aquelas atividades de “punção”, furava e achava o máximo do resultado que dava depois. E a “profe” também adorava fazer esse tipo de atividade.

Em uma das minhas “inseguranças” em perguntar para profe se estava “certo” a colagem que realizávamos passei por um constrangimento, havia colado os pés do cebolinha virados (tipo curupira), a profe riu muito e ainda mostrou pra visita que estava na sala, eu não achei muito engraçado, fiquei muito envergonhada. Sempre me lembro desta situação e tenho muito cuidado com minhas crianças quando estou em sala de aula, além de trabalhar com as professoras sobre o cuidado de não expor as crianças à situações constrangedoras.

A felicidade era ir pra pracinha, na pré-escola este espaço que era só nosso e nos fundos da sala. Tinha momentos que me pegava olhando para os balanços, louca pra terminar logo as atividades propostas e a profe dizer “fila”. Para isso, Wajskop aponta que,

O brincar, numa perspectiva sociocultural, define-se por uma maneira que as crianças têm para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas. Por causa disso, transformou-se no espaço característico da infância para experimentar o mundo adulto, sem adentrá-lo como participe responsável. (WAJSKOP, 1995, p.66).

Também tenho lembranças semelhantes que me mostra que a Educação Infantil era escolarizada, e o quanto o brincar sempre foi importante na infância. Mas existia preocupação de alfabetizar para a 1ª série, de sair da pré-escola escrevendo o nome, sabendo manusear tesouras, segurar os lápis, a exigência de uma motricidade fina bem desenvolvida (enrolar bolinhas de crepom, utilizar atividades de punção). E brincar, se sobrasse tempo. Fico pensando a riqueza das descobertas e aprendizados perdidos nessa falta de brincadeiras. Concordando com Wajskop, que nos diz que:

...a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil. Ao brincar, o desenvolvimento infantil pode alcançar níveis mais complexos por causa das possibilidades de interação entre os pares numa situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos. A experiência na brincadeira permite às crianças: a) decidir incessantemente e assumir papéis a serem representados; b) atribuir significados diferentes aos objetos transformando-os em brinquedos; c) levantar hipóteses, resolver problemas e pensar/sentir sobre seu mundo e o mundo mais amplo ao qual não teriam acesso no seu cotidiano infantil. (WAJSKOP, 1995, p. 67-68).

Já na 1º série este nosso espaço para brincar foi reduzido, e eram poucos os espaços que tínhamos para utilizar a pracinha, a partir daí o recreio passou a ser mais interessante, corríamos, brincávamos de esconder, se fecho os olhos e me remeto aquele tempo é como se percorresse os espaços da escola, bebedouros, banheiros, quadras, escadarias.

Ao iniciar a “Educação Artística”, no Ensino Fundamental não tenho boas lembranças. Uma professora, com seu olhar crítico e insensível chamava todos para dar um retorno (que nada mais era do que uma avaliação baseada no olhar desta professora, que tinha por base seu gosto pessoal e queria que os alunos reproduzissem de acordo com sua visão, tecnicista) do que havia achado dos trabalhos entregues e sempre “detonava” meus trabalhos. Em um deles chegou a interferir no desenho pra ficar “bonito”. Desde então uma disciplina que me deixava animada foi me deixando desgostosa, e os dias que tinha a Educação Artística fui ficando desanimada.

O modo como esta professora de Educação Artística trabalhava se aproxima da ideia da pedagogia tecnicista nas aulas de artes. Fusari e Ferraz nos traz que:

Os cursos de Educação Artística vêm polarizando-se em atividades artísticas mais direcionadas para os aspectos técnicos, construtivos, uso de materiais, ou em um fazer espontaneístico, sem maiores compromissos com o conhecimento de arte. Assim, as aulas de Educação Artística mostram-se dicotomizadas, superficiais, enfatizando ora um saber “construir” artístico, ora um saber “exprimir-se”, mas necessitando de aprofundamentos teórico-metodológicos. (FUSARI E FERRAZ, 1996, p.39).

Ao ingressar no Magistério sempre tive esse sentimento de que o meu trabalho seria inferior aos trabalhos das colegas.

Comecei a gostar novamente das artes quando fui mãe pela primeira vez. Passar uma tarde na praça e ver o fascínio da Maria Eduarda ao achar uma borboleta, construir castelos de areia, acompanhar seu desenvolvimento no Colégio. Guardo todos os “trabalhos” e ela sempre me pergunta o porquê de guardar os “rabiscos”. Em um dia desses expliquei para ela sobre as garatujas e ela achou o máximo. Sou mãe também da Ana Clara, e mais uma vez vivencio passo a passo de seu desenvolvimento. No dia das Mães a Ana me entregou um desenho e disse:

“- tu viu mãe que lindo meu desenho, fiz até um monte de chuva picando com o lápis assim ó” e me mostrou como fez.

A riqueza do contexto em que estou inserida, me levam a querer aprofundar algumas questões e me capacitar melhor para realizar meu trabalho, que é muito rico e exige muito a cada dia que passa, delicado em alguns momentos, muito significativo em outros, extremamente estressante quando se tratam de conflitos e gratificante demais quando vejo o aprendizado e desenvolvimento das crianças, a cada formação que realizo com meus professores e depois vejo o resultado no dia a dia com as crianças. A ideia inicial do trabalho seria de entender porque ainda existe na Escola de Educação Infantil trabalhos prontos? Porque a Educação Infantil não valoriza a produção e criação da criança? Considerando que cópias de desenhos para as crianças pintarem e demais atividades limitam o processo de criação da criança.

Conversando com minha professora orientadora, Roseane Martins Coelho, questionando qual seriam as experiências das professoras com arte tanto nas memórias de escola como na vida hoje, foi sugerido pesquisar as memórias de infância das educadoras e suas experiências, pois de acordo com minha orientadora a formação de professores não pode se dar baseada em discursos prescritivos, como se precisassem tomar consciência da importância de algo, e sim, da relação entre

experiência e significado que o sujeito tem para relacionar com as teorias e sua formação.

Nessa perspectiva introduzo-me a estudar as narrativas de histórias de vida de professores e cito Goodson em seu livro 'Historias de Vida do Professorado', sobre pesquisa e metodologia nessa perspectiva de histórias de vida colocando-as em interpelação com o contexto social, nos alertando e ensinando que metodologicamente:

Devemos escutar atentamente seu ponto de vista sobre a relação entre a "vida escolar" e a "vida em geral, uma vez que nessa dialética se narram histórias que são fundamentais para compreender sua vida e os seus compromissos sociais. (GOODSON, 2004 p.61. Tradução minha).

Com a intenção de responder e clarear as questões que me levaram a essa pesquisa construí um plano de ações metodológicas com algumas professoras da Emei onde trabalho, para realizar entrevistas individuais.

As colaboradoras dessa pesquisa foram cinco professoras de Educação Infantil para fazer resgates de suas memórias de infância. Escolhi relacionar suas memórias com o contexto político social e econômico para relacionar em suas memórias concepções pedagógicas vividas e inter-relacioná-las com as práticas pedagógicas cotidianas. Pois, "O trabalho diário dos professores está política e socialmente construídos nos parâmetros que constituem a prática, quer sejam biográficos ou políticos abarcam um terreno amplo." (GOODSON, 2004 p. 31).

1.2 Trajetória da Educação Infantil

A principal motivação da pesquisa sempre foi meu interesse pelas criações das crianças quando o assunto é artes. Nesses anos, envolvida com a Educação Infantil, venho observando as experiências dos pequenos na primeira infância, e me incomoda um pouco o fato de alguns educadores não conseguirem explorar essas experiências e dar a devida atenção para as criações, invenções e experimentações das crianças com materiais.

É importante nesse momento, fazermos um breve retorno às memórias da caminhada da Educação Infantil, como contexto de análise na pesquisa onde no início havia apenas o atendimento voltado ao assistencialismo.

Durante muito tempo as Escolas de Educação Infantil, antigas “creches”, apresentaram um caráter assistencialista. “A ideia pejorativa de creche enquanto depósito de crianças se tornou marca histórica da instituição, a partir da justificativa de sua criação como local de guarda e custódia infantil para liberação da mulher para o trabalho extradomiciliar”. (ALVES; BARBOSA, 2009, p.4)

As instituições para atender os filhos/as destas mães trabalhadoras (1950-1970), não se constituem apenas em estratégias de governo, mas resultam da luta e de movimentos sociais feministas e da produção científica que valorizava e reconhecia cada vez mais a importância da educação das crianças em contextos coletivos diferenciados da família. (ALVES; BARBOSA, 2009)

A partir destas concepções começam a surgir amplos movimentos de defesa dos direitos das crianças, o reconhecimento da Educação Infantil através do documento que lhe deu legitimidade, a Constituição Federal de 1988, a partir da qual começou a ser reconhecida como direito fundamental da criança e dever do estado. O processo que resultou na conquista de documentos históricos teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país e dos profissionais da educação, como a Declaração Universal dos Direitos da Criança, aprovada pela ONU em 1959, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), e seguindo a trajetória de avanços na legislação, que garante os direitos das crianças, destaca-se a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação – LDB (lei nº9.394/96), onde coloca a Educação Infantil em grande importância social. No Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a criança e o adolescente são considerados sujeitos de direitos. E a chegada das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil em 2009.

Ainda na Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/96), percebe-se mais concretamente estas mudanças na área da Educação Infantil, sendo que em seu artigo 29, esta tem como finalidade o desenvolvimento integral de crianças até seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), definem que as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os princípios éticos (da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum,

ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades), políticos (dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática), e estéticos (da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais).

As Escolas de Educação Infantil deixaram para trás o cunho assistencialista; nesse sentido uma das características desta concepção de Educação Infantil reside no processo de integração das funções de cuidados e educação.

Modificar essa concepção de assistencialismo significa atentar para várias questões que vão muito além das questões legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da Educação Infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre as classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, enfatizam que:

Fica assim evidente que, no atual ordenamento jurídico, as creches e pré-escolas ocupam um lugar bastante claro e possuem um caráter institucional e educacional diverso daquele dos contextos domésticos, dos ditos programas alternativos à educação das crianças de zero a cinco anos de idade, ou da educação não-formal. (BRASIL, 2010, p.4).

É necessário o entendimento dos verbos cuidar e educar, pois estes envolvem estudo, dedicação, cooperação, cumplicidade e, principalmente, amor de todos os responsáveis pelo processo que é dinâmico e está sempre em evolução, sem ele não seria possível a inserção das crianças no mundo que as cerca. Muitos profissionais ainda entendem estas concepções de forma muito estreita.

...o campo da Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. Em especial, têm se mostrado prioritárias as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até três anos em creches e como assegurar práticas junto às crianças de quatro e cinco anos que prevejam formas de garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental. (BRASIL, 2010, p. 7).

Na prática educativa é fundamental que o educador perceba o modo de ver das crianças, como sujeitos que vivem um momento em que está predominando o sonho, a fantasia, a afetividade, a brincadeira, as manifestações de caráter subjetivo.

O educar deve estar ligado ao cuidar, o que significa compreender este, como parte integrante da educação. Cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos do conhecimento e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado (BRASIL, 2001).

Cuidar da criança é principalmente dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo processo de crescimento e de desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e atendendo as suas necessidades, interessando-se pelo que ela sente e pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando a ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma. (BRASIL, 2001).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), definem:

Criança: sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura. (Brasil, 2010, p.12).

A proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), apresenta os eixos do currículo, como eixos norteadores que devem contemplar interações e brincadeiras, que garantam diversas experiências. A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir e cumprir plenamente sua função sociopolítica e pedagógica.

A função das instituições de Educação Infantil, a exemplo de todas as instituições nacionais e principalmente, como o primeiro espaço de educação coletiva fora do contexto familiar, ainda se inscreve no projeto de sociedade democrática desenhado na Constituição Federal de 1988 (art.3º, inciso I), com responsabilidades no desempenho de um papel ativo na construção de uma sociedade livre, justa, solidária e socioambientalmente orientada. (BRASIL, 2010, p. 5).

No trabalho como gestora, observo que ainda existe uma certa resistência de alguns profissionais, as mais antigas principalmente, de que suas atribuições são apenas assistencialistas, sendo apenas o atendimento na parte de cuidados e uma visão de infância também reducionista.

1.3 Problema e objetivos

O problema inicial da pesquisa era voltado ao trabalho que está sendo realizado na escola em relação às artes, levando em conta se a construção, o processo de criação, leitura de mundo, imaginação, brincadeiras da criança estaria sendo entendida e valorizada pelas educadoras.

Durante as orientações, com minha professora Roseane Coelho, fomos discutindo estes problemas iniciais e problematizando a relação das professoras, ao invés de perguntar por que as professoras usam trabalhos prontos, perguntar quais as práticas pedagógicas que essas professoras tiveram com arte? Quais suas relações com arte na vida? Quando estudantes quais as concepções de arte e de Educação Infantil vigoravam e fizeram parte de suas histórias de vida? Nessa perspectiva escolhi pesquisar as memórias de infância das educadoras, suas histórias de vida e formação com outras questões.

Problemas da pesquisa:

- Quais as relações das professoras com arte na sua vida? Do que elas gostam? O que entendem por arte na Educação Infantil?
- Quais suas experiências com arte resgatadas de suas memórias?
- Será que as memórias de infância têm alguma relação com o trabalho destas educadoras?
-

Os objetivos da pesquisa são:

- Conhecer as práticas e experiências estéticas dos professores em suas formações e no cotidiano;
- Compreender o que os professores entendem por processo de criação, brincadeiras e leitura de mundo na formação da infância;

- Inter-relacionar a sua prática pedagógica com as experiências de vida e formação e com as concepções sociais em educação infantil, educação e arte.

2 DIALOGANDO COM AUTORES

Neste capítulo apresento o referencial teórico do trabalho, no qual eu diálogo com alguns autores como Analice Dutra Pillar, Estela Barbieri, Susana Rangel Cunha e Fernando Hernández.

Nestes anos, os quais dedico a Educação Infantil, 13 anos para ser mais precisa, tenho aprendido muito e percebo que será assim sempre, quanto mais vivências, leituras, grupos de estudos, sempre há algo que se aprimora, conhecimentos que são lapidados ao longo da trajetória. E uma das coisas que sempre me fascinou muito é a produção e criação das artes pela criança da Educação Infantil. Me encanto e fico observando horas desenhos, gosto de ver o quanto eles contam sobre a vida de cada criança, o quanto cada uma delas passa um pouco de sua essência através das artes, seja ela desenho ou sua produção através de outros materiais.

O desenho da criança elabora seu processo cognitivo, emocional e perceptivo do mundo, a criança registra seus gestos, traça caminhos, registra-se a si mesma quando desenha. Pillar (1996) afirma que a criança não nasce sabendo desenhar, que este conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto, assim são suas estruturas mentais que definem as suas possibilidades quanto a representação e interpretação do objeto. Desta forma a criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o desenho. Ao observar o desenho de uma criança, podemos aprender muito sobre o seu modo de pensar e sobre as habilidades que possui. Quando, em um desenho, os braços de uma figura humana saem da cabeça e não do tronco, por exemplo, significa que a criança ainda não tem construído interiormente, em seu pensamento, o esquema corporal de uma figura humana. Isso nada tem a ver com o fato de ela não estar enxergando direito, de estar com problemas de motricidade fina, ou ainda, de não estar apta a desenhar com destreza, argumentos esses, tantas vezes ouvidos nas escolas de Educação Infantil. Desenhar figuras humanas possibilita à criança estruturar suas ideias sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia.

O desenho está presente em nosso cotidiano, presente em muitos momentos da nossa vida, como forma de pensar, de inventar outros mundos, de organizar. É uma maneira de brincar, pensar e estar no mundo, de se comunicar. Ele traz um prazer visual e motor, enquanto desenhamos, dialogamos com o desenho e com os traços. (BARBIERI, 2012)

Nós aprendemos a desenhar, desenhando. E por incrível que pareça, nos dias de hoje, infelizmente ainda existem nas Escolas de Educação Infantil práticas de desenhos xerocados para que as crianças pintem, reduzindo e limitando a capacidade de criação e imaginação da criança, desenhos estereotipados e infantilizados a serem coloridos pelas crianças. Iniciando o processo de estereótipos como se elas não fossem capazes de desenhar e pintar a própria produção e criação, quando ela deveria estar desenhando para perceber suas possibilidades, experimentando caminhos, registrando seus gestos, observando o mundo ao seu redor para inventar traços e escolher caminhos para sua criação, em vez disto todo este processo é “podado”.

Quando questionado o motivo destas cópias geralmente a resposta de professores se referem à necessidade de se pintar “dentro dos limites estabelecidos”, “copiar formas”, e o que se vê são varais com desenhos infinitamente iguais. Iguais como uma série industrializada, como se todos cognitivamente, emocionalmente, experiencialmente, fossem iguais. E em alguns destes desenhos, ainda se percebe o grito da necessidade desta criança em desenhar, quando fora deste desenho copiado ela faz sua criação, desenhando fora do traçado pronto.

De acordo com Barbieri (2012), propostas de cópia ou pintura de desenhos já feitos não são práticas educativas que provoquem o desenvolvimento, muito menos a criatividade, as crianças têm a percepção aguçada, são mais sensíveis do que se imagina e demandam proposições inteligentes, nas quais podem se divertir muito, vivendo experiências estéticas. O papel do educador é ajudar a criança a expressar-se apresentando ferramentas e procedimentos que criam condições para que ela se coloque no mundo.

Educar exige interagir, agir com o outro, o que envolve a transformação dos sujeitos que estão envolvidos nessa convivência. Ensinar e aprender são ações de um processo de mão dupla entre sujeitos, o qual só terá significado e valor quando o educador e a criança estiverem questionando, refletindo, refazendo, ouvindo, falando, agindo, observando, acolhendo e crescendo juntos. (Barbieri, 2012)

Partindo destes pressupostos, percebo que em nossa escola a arte em geral e o desenho especificamente não é compreendido desta forma, com esta seriedade, e, portanto, levanto estes problemas.

Acredito que todo conceito de infância está intimamente ligado ao brincar e que para se desenvolver plenamente e participar ativamente do mundo em que vive, a

criança precisa brincar e por isso as escolas de educação infantil precisam se dedicar mais a isso, observando as brincadeiras, intervindo quando necessário, “ouvir” o que as crianças estão dizendo com as brincadeiras.

De acordo com Wajskop (1999), a brincadeira possui características como imaginação, imitação e regra, estão presentes em todos os tipos de brincadeiras infantis sejam elas tradicionais ou de faz-de-conta e podem aparecer também no desenho, como atividade lúdica.

Penso que para isso acontecer o educador precisa ter claro que é nos processos de brincadeiras que surgem as aprendizagens, as artes. A brincadeira, a ludicidade e a arte na infância estão juntas, como nos diz Cunha:

Todos nós conhecemos a expressão “pintando e bordando” quando queremos dizer que as crianças que fazem arte ao realizarem uma bagunça em algum lugar. As crianças de fato fazem arte ao bagunçarem o mundo imagético das formas convencionais e promovem a desordem lógica no mundo adulto, por meio de borrões, fileiras de círculos raiados, manchas, pessoas voando. (CUNHA, 2014, p.13).

Com todas as inovações tecnológicas que temos acesso, não existe nenhum substituto para a criação artística, bem como não há substituição para brincar e sorrir. A maioria dos adultos esqueceu dessa linguagem tão rica e prazerosa que foi deixada para trás quando saiu da escola infantil e passou para a escola que valoriza mais a linguagem verbal.

É comum conversar com crianças do Ensino Fundamental, e perceber em suas falas que sentem falta do espaço da pracinha. O brincar começa a perder seu precioso espaço e a atenção começa a se voltar para a escrita e a fala. O recreio começa a ter um significado importante, afinal, é neste espaço que as crianças dos Anos Iniciais têm a oportunidade de resgatar a brincadeira, brincando de pega-pega, jogando, pulando “elástico”. E aos poucos, com o passar dos anos vai desaparecendo.

É importante essa compreensão do que seja a arte na infância, pois por desconhecimento na educação desde a infantil se espera da criança uma produção baseada em uma concepção de arte que vem desde o renascimento que é a concepção de beleza e equilíbrio greco-romano, que na história da arte começou a ser rompida desde o século XIX resultando em diversos movimentos de ruptura dessa forma de expressão que resultaram na arte moderna.

Ao interromper, na sua infância, o desenvolvimento da linguagem gráfico-

plástica, foram fixadas formas padronizadas como a casinha, a árvore com maçãs, as nuvens azuis, o sol, as flores, a figura humana de palito, organizando-se um repertório reduzido de formas, chamado estereótipo. (CUNHA, 2014, p.14).

Esses estereótipos podem ser observados nas decorações de sala de aula, onde existe a preocupação com o painel de aniversários, personagens de Eva, e diversas outras formas, quando esta sala deveria conter o mínimo de informação visual e na medida em que os trabalhos e projetos estivessem sendo desenvolvidos se realizasse a exposição destes, compondo um cenário que contemplasse as produções gráfico-plásticas das crianças e que tivesse a participação efetiva delas, e quando finalizassem os projetos que estes espaços ficassem novamente sem imagens esperando as novas produções infantis.

É comum também ouvir falas das professoras em relação ao trabalho da criança, como: “você não sabe de que cor é sol?”, “olha o tamanho dos braços e pernas, os seus são assim?”, “porque você não utiliza mais cores, vai usar só o preto?”. Desta forma, a criança deixa de construir sua própria linguagem e inicia o processo de incorporação destas formas estereotipadas, e passa a reproduzir o que este adulto pensa e impõe. Esta imposição do adulto inicia já no berçário, quando ele pensa os espaços com decorações mostrando um só sentido de representação para a criança, como bolos e velinhas para painéis de aniversários.

Existe uma exigência acima da capacidade cognitiva da criança. Pillar (1996), afirma que a criança não nasce sabendo desenhar, que este conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto, assim são suas estruturas mentais que definem suas possibilidades quanto a representação e interpretação do objeto. Assim, a criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o desenho por isso ela deve desenhar muito experimentar diferentes materiais, texturas, formas e cores de suporte com diferentes materiais.

De acordo com Cunha (2004), sempre respeitamos os ritmos das crianças quando começam a falar, a caminhar, tanto a fala quanto a capacidade de locomoção ocorrem gradativamente, mas no que se refere ao desenvolvimento da linguagem gráfico-plástica, a maioria dos adultos esperam que, já no início, as crianças realizem produções semelhantes ao real.

É comum se ouvir falas dos educadores em relação ao desenho infantil, “olha só desenhou os braços e pernas mais curtos”, “ainda faz um cabeção”, “não coloca chão em seus desenhos, as coisas estão sempre voando”.

Não podemos esquecer que o vocabulário visual, as formas, linhas, cores, espaços, pontos, volumes, também se estruturam aos poucos e se modificam na medida em que a criança entra em contato com os diferentes materiais, instrumentos e com a própria linguagem visual.

A aquisição da linguagem gráfico-plástica se dá, por tanto, de modo gradativo, da mesma maneira que ocorre o desenvolvimento da criança em termos de oralidade e da motricidade. Essa evolução é gradativa em termos de estágios que vão se sucedendo, não no sentido desenvolvimentista, pelo qual se considera cada etapa superior à que lhe antecede. (CUNHA, 2004, p.30).

A formação estética do professor se dá muito antes da entrada na escola, na universidade ou em qualquer área do conhecimento. É necessário que ele perceba a importância de todas as memórias e experiências estéticas que ele traz, que utilizará em todos os contatos com a expressão humana, principalmente com as crianças na escola. A formação em artes de uma criança pequena é uma formação estética, e o desenvolvimento estético da pessoa começa quando ela nasce, ou até mesmo na barriga ainda.

De acordo com Cunha (2014), é fundamental que os professores se deem conta de que suas representações visuais influem no modo como as crianças produzem sua visualidade. Para que as crianças tenham possibilidades de se desenvolver na área expressiva, é fundamental que o adulto rompa com seus próprios estereótipos e consiga realizar intervenções pedagógicas no sentido de trazer à tona o universo da expressão infantil.

As memórias de vida são fundamentais neste processo de formação do professor, para trabalhar artes com seus alunos precisa trabalhar primeiro com ele mesmo, afinal como ensinar desenho ou falar de desenho se em sua infância nunca desenhou. Para falar sobre algo é necessário conhecer, investigar, é preciso aperfeiçoamento, uma formação na área com experiências.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (BONDIA, 2002, p.21).

De acordo com Bondia (2002), a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa muito depressa, cada vez mais rápido. E com

isso, se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O excesso de trabalho também tem causado a ausência da experiência, e o trabalho tem sido confundido com a experiência.

Eclea Bosi (2003) com sua experiência de pesquisadora com narrativas biográficas e memórias, nos diz que feliz o pesquisador que consegue se amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e necessidades de uma época, o que ocorre se o pesquisador for atento às tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido e encoberto pelo medo.

Quando falamos e pensamos em Escolas de Educação Infantil, nos referimos a todas as crianças, independente de terem ou não alguma deficiência, pois trabalhamos seguindo uma proposta de Inclusão Social. Recebemos e atendemos crianças a partir de quatro meses até os cinco anos e 11 meses de idade, que permanecem diariamente conosco, em média de 4 a 11 horas, ou seja, a maior parte de seu dia. Acreditamos na importância do afeto, da assistência, da orientação, da formação de sujeitos que convivam e respeitem as diferenças, da interação entre todos para a formação de pessoas críticas, mais autônomas e humanas.

Concordando com Cunha (2014, p.15), as instituições de Educação Infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo por meio dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição, gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está à sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que se diz respeito às linguagens expressivas, esses são os fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente.

As Escolas de Educação Infantil alimentaram por muito tempo um caráter assistencialista, onde as antigas “Creches” preocupavam-se apenas com o CUIDAR. Modificar essa concepção de assistencialismo significa atentar várias questões que vão muito além da base legal, envolve, principalmente, assumir as especificidades da Educação Infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre as classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do estado.

O Projeto de pesquisa realizado foi embasado nesta questão das Artes como valorização da produção e criação da criança, trabalhando de forma que não exista mais essa necessidade de se levar algo “pronto”, e sim deixar a criança construir com sua autenticidade, onde sua produção esteja ligada ao que realmente ela está

explorando, do que tem sentido para ele naquele momento e que esta criança tenha a possibilidade de fazer sua leitura de mundo.

De acordo com Barbieri (2012), a imaginação e a criatividade das crianças não têm limites, o que favorece o desenvolvimento de sua potência e a exploração e apropriação de suas múltiplas linguagens, ampliando suas formas de expressão. O trabalho com arte na Educação Infantil é um dos passos para cultivar essa vitalidade natural. Cunha (2014), afirma que o perceber e o registrar as impressões sobre o mundo ocorrem num processo contínuo, processo expressivo, que vai se modificando na medida em que as crianças têm contato com as linguagens, com os materiais expressivos e com as intervenções dos adultos e de outras crianças. É na interação da criança com os objetos de conhecimento (desenho, pintura, modelagem, etc.) que o processo expressivo se constitui, e para que este processo se desenvolva e para que tenha significado para as crianças possibilitando leituras e expressões plurais sobre o mundo, são necessárias intervenções pedagógicas desafiadoras.

O papel do educador neste processo, é o de desafiador e observador, o qual está sempre atento às pistas que as crianças deixam ao longo do percurso, e cada criança é um universo potente de expressão, que oferece alguns pontos de partida para o professor criar ações e momentos de interação, onde estas ações ampliam as ideias e a imaginação das crianças, as encorajam a fazer perguntas, projetos e buscar sua realização. (Barbieri, 2012)

Exercer a pedagogia da escuta nos faz mudar a maneira sobre como pensamos nossas crianças. O educador precisa estar com seu olhar e escuta direcionados sempre à essa criança, caso contrário a perde.

Kinney e Wharton (2009), afirmam que os métodos e abordagens que defendem que as crianças estejam no centro da sua própria aprendizagem pretendem que os educadores da educação infantil possam enxergar com mais clareza o processo de aprendizagem, as estratégias que as crianças utilizam e suas personalidades e interesses individuais. Quando os educadores orientam e conduzem a aprendizagem das crianças, novos entendimentos são adquiridos, incluindo aquele de que a hipótese do adulto sobre o que as crianças estão aprendendo pode não ser a aprendizagem experimentada pela criança.

Quando se trata do processo de aquisição gráfico-plástica, o papel dos educadores não é o de oferecer às crianças folhas e lápis de cor e deixar que elas se expressem aleatoriamente, como nas atividades de desenho livre, ou o de reduzir os

movimentos expressivos a exercícios de motricidade fina como pintar formas geométricas, recortar sobre linhas onduladas, fazer bolinhas de papel crepom, etc. (CUNHA, 2004, p. 18)

Nessas atividades livres, além de o educador simplesmente oferecer os materiais, deve-se incluir desafios para as crianças explorar estes em todas suas possibilidades, como numa atividade banal com lápis de cor e papel. O educador pode transformar a atividade simplista e comum em uma proposta instigadora e prazerosa, fonte de descobertas de diferentes materiais, além de se conhecer as hipóteses das crianças. Antes de se iniciar uma atividade expressiva seria interessante introduzir uma conversa sobre o tema focado.

Envolvida neste mundo das artes, pesquiso as memórias das professoras de Educação Infantil, suas experiências, tentar perceber se esta caminhada que elas vêm percorrendo influencia no seu trabalho com as crianças, que contextos sociais e concepções norteiam suas histórias.

3 A PESQUISA

Neste capítulo apresento a pesquisa, os caminhos percorridos, a trajetória do trabalho.

A pesquisa foi realizada na Escola de Educação Infantil Gente Miúda, em Santa Cruz do Sul, com seis professoras da Educação Infantil, de diferentes faixas etárias, sendo de 0 à 6 anos.

O trabalho foi realizado baseado nas memórias e vivências das educadoras, sendo que estes relatos são importantes para contextualizar as vivências com o trabalho que vem sendo desenvolvido com as crianças.

De acordo com Hernández (2004),

...não há muitos professores decididos a contar sua história em primeira pessoa. Em algumas revistas de Educação aparecem experiências cotidianas de docentes com seus alunos, mas são “experiências sem sujeitos”. Na maioria dos casos, as crianças e adolescentes aparecem somente na dimensão de alunos. Parece que o professor se oculta em uma sombra, permanecendo no anonimato de seus pensamentos e vivências. Conta o que se passa, mas diz pouco do que se vive e aprende em sua experiência, em sua trajetória profissional. (HERNÁNDEZ, 2004, p.17).

Pensando na importância dos relatos destas vivências, esta pesquisa nos permitiu fazer um diálogo com a subjetividade docente. Se o professor aprendeu a construir-se “desde o silêncio de seus sentimentos e suas vivências”, como argumenta Hernández, essa pesquisa pode desencadear um movimento contrário de possibilitar ao docente que sua voz seja escutada, de valorização das suas experiências e de tomar consciência do seu papel social, pessoal e político.

Hernández (2004), aborda temas relevantes na atualidade a partir de estudos de Huberman, Thompson e Weiland (2000), como a história da carreira docente ser uma história de trabalhos que se manifestam em momentos de satisfação, compromisso e competência. Conhecer a trajetória profissional permite situar e conectar com o docente, no momento do presente e na perspectiva de sua trajetória profissional. Algo especialmente necessário em tempos de reajustes e reestruturação profissional.

E, na medida em que o professor dedica cada vez mais seu tempo de vida na docência parece necessário seguir no que se ocorre depois das fases iniciais do exercício profissional, para poder facilitar suas trajetórias no futuro. Os autores, Hernández e Goodson abordam ainda o fato da necessidade de permitir dar voz no lugar e destacar a importância de prestar atenção nas experiências de vida dos docentes e o convencimento de que uma reforma educativa gira em torno da competência, e o compromisso do professor ao longo de sua carreira se faz necessário se encontrar para poder saber que se pode esperar e o que há de estratégias para organizar sua formação.

Concordando com Hernández (2004), as considerações da importância de investigar baseado em histórias de vida podem introduzir desde uma posição, outras sinalizações como, se o passado influi no presente, a construção de histórias de vida podem ter um valor de formação baseado na reconstrução e na autoconsciência. Resgatar as histórias de vida junto aos professores supõe dar passos a um melhor conhecimento dos processos de personalidades em relação ao seu trabalho, permite explorar os lugares biográficos que facilitam compreender as posições atuais dos docentes. Alerta-nos que investigação a partir de histórias de vida pode se converter em uma forma sutil de controle sobre o professor, na medida em que se entra na reconstrução do espaço íntimo de sua autobiografia. Com isto, o professor é o profissional que, para ser, há de expor sua própria história e escolher o que quer contar de suas experiências.

Não existem muitos trabalhos de histórias de vida na comunidade acadêmica, e esta necessita de novidades. Como qualquer área profissional marcada pela competência e a necessidade de delimitar territórios de reconhecimento, assinalar as histórias de vida como um novo campo de estudo, permite que um grupo de profissionais encontre um terreno para que a investigação se torne identidade. Desta maneira, os sujeitos e as vozes se transformam em objetos informantes, não sendo possível usar suas histórias como controle ou uso da generosidade, com suas vidas, as carreiras profissionais dos investigadores, decisões éticas que devem ser consideradas. Essas observações nos apontam questões éticas importantes para usar histórias de vida de professores em pesquisa. Assim, mais uma vez, “construir histórias de vida desde uma posição dual, em que os investigadores também estejam implicados em um resultado final cruzando as histórias que se entrelaçam e se constroem de maneira dialógica”. (HERNÁNDEZ, 2004, p.13-14)

A Educação Infantil necessita de professores que fazem a diferença, com propostas de qualidade, que se preocupem com as experiências que elas propiciam. Hernández (2004) nos faz refletir ao afirmar que a educação tem sido rica em prescrições e pobre em descrições.

As histórias de vida podem ser ricas em experiências estéticas, afinal, nosso desenvolvimento estético vem de todos os sons que escutamos, das visões que temos. Experiências na infância podem ser fundamentais para a constituição do olhar para o mundo, na forma de como irá organizar as coisas.

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém, sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por esse mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: isso é o nosso mundo. (BARBIERI, 2012, p. 146).

Para o professor trabalhar com seus alunos, precisa trabalhar primeiro com ele mesmo, por isso trabalhar com as memórias é tão importante. Para ensinar é necessário saber as dificuldades que se vivencia no caminho, os obstáculos e percalços que existem nas trajetórias.

Falar da vida, dos sons do mundo, dos gestos das pessoas, do movimento, das cores, das luzes, dos espaços, dos ambientes, dos cheiros, das texturas, das percepções, da leitura de mundo. Se tivermos essas percepções comunicaremos a nossas crianças e elas se sentirão a vontade para isso também.

Concordando com Barbieri (2012), para sermos bons professores na Educação Infantil, temos que nos dar conta de nossas experiências estéticas, de nossa trajetória e também conhecer a história do homem e do mundo, ter noção das concomitâncias históricas de determinado movimento artístico (o que estava acontecendo social e politicamente na época).

3.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola onde atuo no momento, na direção. São professoras que ainda não conheço muito e que já atuam há mais tempo na instituição.

No primeiro momento, realizei o convite para participar da pesquisa, individualmente, onde expliquei para cada uma delas que seus relatos, suas histórias

de vida seriam muito importantes para minha pesquisa e que ficassem tranquilas quanto ao sigilo. Apresentei para elas a proposta do trabalho, que não iria apenas recolher informações, mas instigar reflexões com suas realidades e necessidades de forma que possam enriquecer o trabalho e seus conhecimentos, a partir de cada caminho percorrido e as construções que tiveram neste tempo, para que se faça um diálogo entre as histórias de vida e o trabalho delas com a Educação Infantil.

Bosi (2003), nos diz que: “a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas.”

Nesta pesquisa qualitativa, para identificá-las, utilizarei nomes de flores, mantendo o sigilo e a privacidade de cada uma delas.

Todas aceitaram logo o convite e se colocaram à disposição para o que precisasse. Devido ao pouco tempo, elaborei um questionário de pesquisa e entreguei para elas levarem para a casa, e no retorno, o que não ficou muito claro realizei mais algumas perguntas. A princípio estava pensado em fazer entrevista gravada, o que permitiria uma maior riqueza, pois poderia perguntar mais detalhes, e por motivo de tempo optamos pelo questionário, que para esse tipo de pesquisa pode ser limitador.

Ainda penso algumas questões como, será que as professoras aceitaram meu convite por eu ser a diretora neste momento? Ou se interessaram em participar do estudo para que este proporcionasse mais conhecimento para seu trabalho?

3.2 Contexto da Escola

A Escola Municipal de Educação Infantil onde foi realizado o Projeto de Pesquisa localiza-se em meio urbano, em um bairro de classe média na cidade de Santa Cruz do Sul. Tem como mantenedora a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), a qual disponibiliza a equipe de profissionais que trabalha na EMEI e equipe Multidisciplinar (Pediatra, Psicóloga, Assistente Social e Supervisoras). A instituição tem capacidade de atender cerca de 205 crianças (4 meses à 5 anos e 11 meses), sendo que atualmente tem 205 crianças matriculadas, que são atendidas por 50 funcionárias (professoras, atendentes de EMEI, monitoras, estagiárias CIE-E, serventes e direção). A SMEC fornece os alimentos que são servidos às crianças com orientação de uma nutricionista, e assume despesas como água, luz e gás. Devido à grande procura por vaga, alguns critérios são estabelecidos para a realização da

matrícula, como menor renda familiar e a mãe estar trabalhando, a ordem de classificação é realizada pela Central de Vagas.

A comunidade é composta na sua maioria por famílias de renda média baixa, sendo a maioria com empregos efetivos, no comércio, em empresas. As famílias são constituídas, em média por quatro membros. O comércio local é muito diversificado, sendo que existem minimercados, padarias, marcenarias, lojas.

A Escola não possui Conselho Escolar próprio, segue o Conselho Municipal de Educação, realiza Conselho de Classe, não existe Grêmio Estudantil, apenas o C.P.M. Os recursos humanos são administrados pela SMEC, e atualmente o quadro de funcionárias é composto por 50 profissionais. O ingresso das funcionárias na EMEI é através de concurso público, com exceções das contratações de estagiárias e contratos temporários, a direção é indicada pelo executivo municipal. A estrutura da Escola conta com: 01 secretaria/direção equipada com 01 computador/impressora e todos os outros materiais de expedientes que se fazem necessários para o funcionamento da EMEI; 01 sala de funcionários, 11 salas de aula (04 delas com trocadores e lavatórios), 04 banheiros infantis (masculino e feminino), 03 banheiros de funcionários. Todas as salas de aula têm ventiladores, aquecedores e ar-condicionado, jogos e brinquedos, tapete emborrachado, mobiliário, ou seja, o que é necessário para atender bem as crianças. A Escola ainda conta com 01 Sala de Multiatividades. Na parte externa existe uma pracinha com diversos brinquedos para as crianças da Pré-escola e uma pracinha para as crianças do maternal. O prédio é dividido em dois andares, sendo que o primeiro atende as crianças de 0 a 3 anos e no segundo as crianças de 4 e 5 anos.

A Escola busca integrar o CUIDAR e o EDUCAR, procurando nas atividades desenvolvidas aprimorar cada vez mais a qualidade do atendimento, oferecendo um ambiente acolhedor, estimulante e desafiador, desenvolvendo os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança e a articulação entre as diversas áreas do conhecimento e aspectos da vida cidadã em um contexto lúdico e prazeroso, bem como o estímulo ao desenvolvimento das diferentes formas de linguagem e da criatividade infantil.

4 NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DAS PROFESSORAS

Neste capítulo apresento as narrativas de histórias de vida de seis professoras da Escola, em Santa Cruz do Sul, que resultaram do questionário com questões biográficas. Para manter o sigilo e a privacidade das educadoras, utilizarei nomes de flores para identificá-las, sendo Orquídea, Flor do Campo, Rosa, Astromélia, Margarida e Copo de Leite.



Orquídea - 41 anos

Memórias da primeira infância

No período em que frequentei a pré-escola era encantador, porém no início um pouco assustador, pois essa nova etapa me deixava muito insegura, por diversos fatores. Um deles e muito importante é que aos cinco anos de idade o único idioma que eu falava era a língua alemã e, com isso, sentia muita dificuldade em me comunicar. Mas, a postura da

professora foi fundamental no processo de adaptação. A começar que ela ia ao encontro dos alunos em uma via principal da cidade, fazendo uma espécie de caminhada com os alunos até a escola e, isso era muito divertido e acabava fazendo com que as crianças interagissem antes mesmo de chegar no ambiente escolar.

Educação Infantil: presente ou não. Se presente quais as memórias

Sim, frequentei. Das atividades desenvolvidas não me recordo muito, mas os trabalhinhos embora quase todos xerocados eram muito bons, pois na época as crianças se sentiam estimuladas sem necessitar de muita informação. O mais simples era o máximo!

Memórias das atividades artísticas na infância

Lembro que trabalhávamos muito com jograis, “musiquinhas” de datas comemorativas, mas a principal era o Dia das Mães. Os desenhos livres, na verdade eram dirigidos e o resultado era quase sempre o mesmo. Talvez porque a criatividade e a significação estava nas coisas mais simples da vida.

Experiências com Arte na Educação

Na minha vida sou um pouco frustrada quando se trata de arte, pois sempre quis desenhar bem, comparando-me com meu irmão que fazia e copiava desenhos maravilhosos e eu, apenas fazia casas retas com o uso da régua, árvores com pequeno balanço, um lagúinho, céu, sol, etc.

Quando adolescente, tentei aprender a tocar violão, mas só pra não fugir das regras não consegui deslizar com suavidade os dedos nas cordas do violão. Não dá pra acreditar, mas nem a habilidade de tricotar de forma linear eu consigo.

Já na universidade, sempre procurei fazer a parte teórica e deixava para as colegas o trabalho que envolvia a parte artística. Gosto muito de ir ao cinema, e sempre que posso vou assistir filmes que me interessam.

Experiências de vida e formação

Bom, fui para a área da Educação por um acaso, convidada por uma amiga a fazer Magistério no Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ). Na hora disse que não, pois jamais havia me passado pela cabeça ser professora. Por insistência acabei concordando, após me formar inicia a minha história em uma Escolinha particular, depois ingressei no Município atuando na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Durante este período fiz a graduação em Pedagogia, e sempre muito voltada para a Educação Infantil. Quando estou em sala, gosto muito de trabalhar a Arte como um todo, desenhar, pintar, interpretar, cantar, dançar, enfim, explorar esse mundo encantador com o qual podemos brincar e desenvolver a aprendizagem como um todo.

Atualmente, tenho Pós Graduação em Neuropsicopedagogia em Educação Inclusiva e, estou estagiando em Neuropsicopedagogia Clínica.

Experiências Artísticas na vida atual e o trabalho como Educadora Infantil

Atualmente, participo todos anos da Gincana Municipal do município em que resido, Vera Cruz. Nessa Gincana me envolvo em muitas experiências artísticas, desde a elaboração de painéis e cartazes, charadas que precisamos resolver, roupas que temos que costurar, enredos, músicas, danças, teatros.

Frequento bastante o cinema e sempre que posso assisto a peças de teatro.

Me realizo muito quando estou atuando como educadora infantil, gosto muito de ouvir os relatos das crianças, cantar para mim é uma arte que desenvolve o ser humano em todos os aspectos, durante as brincadeiras gosto de interagir, mas também de apenas observar, pois estabeleço objetivos de trabalho partindo de situações que ocorrem durante as brincadeiras. A leitura é uma ferramenta fundamental na rotina da Educação Infantil, a partir dela podemos criar projetos, experiências, inserir o imaginário no real. A Educação Infantil é a arte de exercer o papel de “ponte” para a descoberta do fantástico mundo da evolução do ser humano.

Na entrevista de Orquídea podemos perceber em suas memórias de infância como era importante a professora buscá-los e realizar uma caminhada junto com eles (crianças), que era como um passeio.

Agir como um viajante é ser curioso, buscar o novo, fazer caminhos diferentes e conhecer lugares antes nunca visitados. Também é reparar na natureza, nas pessoas, nas informações sensoriais que o mundo traz. Quem age como viajante tem uma experiência estética a cada instante e isso é extremamente natural para as crianças. (BARBIERI, 2012, p. 36).

Em nosso dia-a-dia podemos vivenciar muitas experiências estéticas. Provavelmente, para Orquídea, o fato de percorrer caminhos com sua professora foi fundamental para sua constituição de olhar para o mundo, na forma como as coisas

se organizam, os cheiros que encontrava pelo caminho, as pedras que juntava no chão.

Como nos diz Coelho (2010):

Ao pensar nas redes de interações, que fizeram parte da minha construção identitária, na minha infância, emerge em minha memória a predominância das relações presenciais: a família, as amizades em proximidade espacial, na rua, nas brincadeiras em grupo, nas festas. (COELHO, 2010, p. 108).

Na entrevista com Orquídea, as relações foram fundamentais em sua vida, desde cedo quando a professora acompanhava a turma até mesmo no Ensino Médio, onde entrou para o Magistério através de insistência da amiga.

Outro aspecto importante nas memórias de Orquídea, são as atividades baseadas em datas comemorativas. Ainda vemos nos dias de hoje, quando temos datas comemorativas, como por exemplo o Dia do Índio, nas redes sociais as crianças aparecem caracterizadas de Índio, com colares feitos de massa, rostos pintados, cocar de pena. Os pais na maioria das vezes acham bonitinho e apreciam as atividades. O que preocupa é que a maioria das Escolas Infantis trabalham essas datas de forma padronizada e estereotipada, sem um olhar crítico e uma reflexão em cima de cada uma destas datas. Trabalhar Dia das Mães e Dia dos Pais, mas que padrão de família temos hoje em dia em nossa realidade? O que de fato é significativo para estas crianças? A disciplina de educação artística, iniciada na década de 70 por muito tempo teve na escola essa missão: desenvolver trabalhos, geralmente estereotipados para as datas comemorativas. Portanto podemos perceber uma concepção histórica e política que se reflete na prática e nas memórias da professora.



Flor do campo - 35 anos

Memórias da primeira infância

Não tenho muitas memórias desses primeiros anos de vida. Me recordo que todos os sábados minha mãe fazia bolo. Lembro do dia que minha mãe chegou da maternidade com meu irmão, eu tinha quatro anos. Naquela época eu gostava de assistir Chacrinha e Xuxa. Lembro que aos quatro anos fui morar em Curitiba e que enquanto procurávamos um local para morar ficamos em um Hotel, o café da manhã era muito bom.

Educação Infantil: presente ou não. Se presente quais as memórias

Frequentei somente a pré-escola. Lembro da escola, do pequeno pátio, dos brinquedos, dos desfiles de 7 de setembro, da diretora que

tinha um carinho muito grande por mim e um pouco da sala. Classes enfileiradas, livros didáticos para “auxiliar” na alfabetização, a professora contava histórias no final das aulas. Adorávamos ganhar folhas mimeografadas, com desenhos para colorir, ainda me lembro do cheirinho das folhas.

Memórias das atividades artísticas na infância

Quando eu estava na quinta série fiz um curso na escola de duas tardes para aprender um tipo de tapeçaria, aprendi e fiz alguns. Minha mãe tentou me ensinar a fazer tricô, mas nunca consegui mais do que uns 20 centímetros. Minha vó me ensinou a fazer crochê, mas, também não tive interesse por muito tempo e acabei desaprendendo. Mais tarde, uma vizinha que fazia ponto cruz me mostrou como fazer e fiquei encantada. Fiz muitas toalhas e panos de prato, sei fazer até os dias de hoje.

Experiências com Arte na Educação

Não tive muitas experiências com artes na escola. Não me recordo de visitar museus, exposições, casa de artes, espetáculos em geral. No ensino fundamental geralmente íamos a teatros, umas três vezes no ano, assistir peças teatrais infantis. Nessa época também fazia ballet e no final do ano fazíamos uma apresentação. No ensino fundamental a professora de “Educação Artística” ensinava algumas técnicas de desenho e para isso utilizávamos o caderno de desenho, sem conhecer nada sobre a história da arte, pintores ou algo do gênero. Nesse tempo, por uns cinco anos fiz aulas de jazz e dança contemporânea, era muito

bom, pois viajávamos bastante para as apresentações e conhecíamos muitos lugares e pessoas diferentes. Meu Ensino Médio foi técnico em processamento de dados, o único contato que tive foi em desenvolver algumas habilidades usando a programação e por conta própria fiz durante um ano aulas de teatro e por uma semana aulas circenses.

Na Universidade, no Curso de Pedagogia tive uma noção das diversas formas de arte (música, artes cênicas - teatro, danças, artes plásticas). Através da Universidade fui pela primeira vez no museu da PUC e em uma Bienal em Porto Alegre.

Experiências de vida e formação

Sou graduada em Pedagogia Educação Infantil e ano passado concluí a pós graduação em Educação Infantil. Gosto muito do que faço e não me vejo fazendo outra coisa.

Tenho uma turma de Educação Infantil no Município e trabalho no outro turno em uma turma de Educação Infantil em um Colégio particular.

Arte no cotidiano hoje e o trabalho como Educadora Infantil

Nos dias de hoje estudo muito, pois para trabalhar com as crianças exige projeção de experiências. Quando eu era criança, o professor era o detentor do conhecimento, hoje as crianças são protagonistas do seu aprendizado. O professor passou a ser um observador. Aprendi a escutar cada criança e o grupo, de modo a sentir, pensar, fazer, perguntar, desejar, propor ações e planejar para elas. Procuro estar atenta à importância de organizar o ambiente, provocar outras ações,

desafiar interações.

A criança é o corpo, movimento. As ações realizadas no dia-a-dia oferecem experiências complexas, pois a cultura, a ciência, ou mesmo a vida é composta de situações onde estão presentes linguagens. Assim, fazer um desenho certamente é, em seu início, uma proposta de ação tendo como centralidade as artes gráficas ou visuais. A música, as artes cênicas estão presentes no dia-a-dia, desde que contamos uma história ou realizamos uma brincadeira de mímica ou representação. Sempre que possível procuro visitar a casa de Artes da cidade e quando é viável levo as crianças.

Acredito que a leitura, a música, o teatro, os passeios, os parques, são formas simples e importantes para constituir outros e novos sentidos de participação, de pertencimento e percepção da diversidade cultural.

As memórias de infância de Flor do Campo, quando fala dos cheiros das folhas mimeografadas, da lembrança do bolo que sua mãe fazia, do Hotel que gostou de ficar, são experiências estéticas, sensoriais que constroem nossa subjetividade. Barbieri (2012), nos diz que temos experiências estéticas desde que nascemos, porque elas se relacionam com a estrutura que vai se criando, tanto em nosso pensamento como em nossa percepção. Fazem parte de nossa experiência estética: cheiros, gostos, sons, temperaturas, texturas, imagens. Walter Benjamin fala que em cada gesto está contido toda a nossa biografia. Tudo que vivemos, tudo pelo que passamos, de alguma forma vai contribuindo para esse manancial de possibilidades que nós somos. (BARBIERI, 2012, p. 37).

A criança, ao chegar na Escola já traz consigo um universo de experiências, e isso vai fazendo com que sua linguagem tenha singularidade, as palavras que ela já experimentou vão constituindo seu discurso. As cores que já conhece, os movimentos que já fez, os cheiros que já sentiu, os sons que ouviu. Nossa tarefa como educadores é criar possibilidades para que as experiências estéticas sejam ricas e não se transformem em uma equação pronta que empobreça o universo da criança. (BARBIERI, 2012, p. 39)

Outra afirmação importante de Flor do Campo é o fato de o professor de sua infância ser o detentor do conhecimento e que hoje o professor passou a ser observador. Sua experiência pode assim ser enquadrada:

Desde muito cedo, as crianças aprendem que seu limite para imaginar está confinado a retângulos e recortes do mundo feito pelos adultos. Aprendem que os outros são detentores dos saberes. Aprendem que precisam de modelos para seguir as linhas predeterminadas de suas vidas. Aprendem a ser silenciosas e subservientes ao amassarem as bolinhas de papel crepom. Aprendem a respeitar modelos e posturas quando têm minutos para executar um trabalhinho. Aprendem a ser consumidoras e não produtoras de imagens ao colorirem os desenhos distribuídos pelos professores. Aprendem a não ser pessoas que sentem, pensam e transformam. (Cunha, 2014, p. 24).

E Flor do Campo nos mostra atualizada e através dos estudos atuais, que tem clareza das mudanças nos papéis sociais e nas relações entre infância e adultos ou entre professores e crianças. Como nos traz Coelho (2010):

A construção do eu, o processo subjetivo de construção identitária, apresenta-se como uma construção complexa, dinâmica, histórica, isto é, uma construção cultural. Reside na capacidade humana de se fazer como agente de e na cultura. Como perspectiva educativa, permite-nos pensar no espaço criativo do ser humano, nesse processo de se construir sujeito, nas relações e redes de interações nas quais está imerso e na possibilidade de criar “mundos possíveis” (COELHO, 2010, p. 105).



Rosa - 53 anos

Memórias da primeira infância

Memória significativa: passeios na casa dos meus avós que moravam no interior bem pertinho de um rio.

Experiências Artísticas na vida atual e o trabalho como Educadora Infantil

Não frequentei a Educação Infantil. Alfabetizei-me aos cinco anos, mas só fui aceita no Ensino Fundamental aos sete anos.

Memórias das atividades artísticas na infância

Desenhos, modelagem com argila, confecção de casas com caixas de sapato, confecção de brinquedos. Gostava muito de observar a artista Regina Simones pintando (ela era vizinha da minha vó). Lembro que ela pintava natureza morta, praias com rochedos e muitas flores.

Experiências com Arte na Educação

No Ensino Fundamental geralmente solicitavam um desenho que sempre se repetia: todos na sala desenhavam uma casa com montanhas, um sol se pondo, um laguinho, palmeiras e um caminho. Quando tinha oportunidade gostava de fazer um desenho geométrico com formas e linhas coloridas, mas não era muito comum este tipo de trabalho.

No Ensino Médio, cursei o Técnico em Contabilidade e não tinha Artes. Na Universidade tive uma ótima professora que trabalhou os pintores famosos, nos levou em museus de artes em Porto Alegre e cobrou no final da disciplina um portfólio com vida e obras de pintores famosos, fases do desenho infantil, planejamentos de artes, técnicas de artes, textos e pesquisas sobre artes, comentários sobre textos, crítica sobre o desenho estereotipado...

Experiências de vida e formação

Fiz o Ensino Fundamental, depois, no Ensino Médio, cursei o Técnico em Contabilidade e cursei uma parte do curso de Ciências Contábeis (gostava muito de matemática). Trabalhei na antiga CEEE (estação luz). Casei, tive os filhos e parei de trabalhar. Fiquei em casa

por alguns anos. Em 1997 fui fazer o Magistério Complementar no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Quando acabei os estudos fiz o concurso público do Município e passei em primeiro lugar, o objetivo era trabalhar vinte horas, mas acabei aceitando quarenta. Fiz Pedagogia Séries Iniciais logo em seguida. Também fiz Especialização em Psicopedagogia Institucional e depois Psicopedagogia Clínica. Fiz dois concursos públicos nesta área aqui no Município, passei em primeiro lugar em ambos, mas não aceitei o cargo porque teria que voltar a trabalhar quarenta horas (nesta época já trabalhava apenas vinte horas). Também fiz um Curso de Educação Infantil em Porto Alegre (OMEP). Neste Curso também tive uma ótima professora de Artes que mostrou como trabalhar com pintores famosos na Educação Infantil.

Arte no cotidiano hoje e o trabalho como Educadora Infantil

Atualmente minhas experiências são com o trabalho que faço com meus alunos e algumas atividades com meu filho.

Trabalho há 16 anos com Educação Infantil. Sou apaixonada pelo desenho espontâneo da criança em qualquer fase. Estudei muito sobre o desenho infantil e valorizo muito as produções livres das crianças. Para a criança, o desenho é um jogo ou uma brincadeira em que seu mundo interior aparece no seu traçado, intencional ou não. Quando desenha, a criança desenvolve potencialidades motoras, cognitivas e emocionais. Para mim, as produções espontâneas das crianças, são um importante instrumento de avaliação do desenvolvimento dos alunos. Gosto de trabalhar com tintas e pinceis, porém o trabalho com as crianças exige ordem e uma boa orientação. Com as crianças acho muito interessante

trabalhar pintores famosos iniciando sobre um pouco da vida do pintor, mostrar algumas obras, fazer a interpretação e releitura de uma obra. Gosto de trabalhar com os alunos, pintores como Tarsila do Amaral, Monet, Portinari, Picasso, Romero Brito, Miró, Alfredo Volpi (bandeirinhas de São João), Van Gogh (as crianças gostam muito de ver o autorretrato com a faixa na orelha cortada).

O trabalho que Rosa vem desenvolvendo com as crianças, valorizando a produção delas, assim como as obras dos artistas, possibilita troca de percepções, ideias, informações e conhecimentos, são verdadeiros momentos de experiências que podem ser compartilhadas.

Nosso papel de educador é o de proporcionar experiências relevantes para as crianças, e alcançar esse objetivo demanda muito trabalho e dedicação.

Concordando com Coelho (2010):

Repensar e reinventar a educação escolar, com vistas a oferecer possibilidades de construção da própria identidade das crianças, como sujeitos históricos e como cidadãos, é tarefa que exige que a formação de profissionais ocorra na perspectiva da desconstrução de suas formações, de um cauteloso exame e reflexividade sobre suas práticas, suas trajetórias profissionais e de vida. (COELHO, 2010, p. 124).

As experiências que Rosa teve na infância ao acompanhar o trabalho de artes da vizinha de sua avó foi fundamental para que trouxesse isso em sua bagagem de educadora, uma vez que se preocupa em proporcionar para suas crianças vivências com pintores.

Fusari e Ferraz (1992), nos trazem que:

Para compreendermos e assumirmos melhor as nossas responsabilidades como professores de Arte, é importante saber como a arte vem sendo ensinada, suas relações com a educação escolar e com o processo histórico-social. A partir dessas noções poderemos nos reconhecer na construção histórica, esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir essa nossa história. (FUSARI e FERRAZ, 1992, p. 20-21).

A partir dali, o modo de conceber o ensino de Arte iniciou uma proposta de ação educativa criadora, ativa e centrada no aluno.

Ana Mãe Barbosa (2007) defende a necessidade de propiciar meios para que o professor desenvolva a capacidade de compreender, conceber e fruir arte, para que o ensino seja organizado de forma a relacionar produção artística com análise, informação história e contextualização.

Como dar dignidade a um espaço onde o trabalho da criança pode acontecer e “dialogar” com as pessoas? A produção estética das crianças precisa ocupar a escola, de forma a permitir que elas olhem o que fizeram, vejam a produção umas das outras. Os trabalhos e tornam criadores de perspectivas porque as crianças podem olhar para as produções, discutir, conversar e aprender com isso. (BARBIERI, 2012, p. 57).

Rosa nos leva a pensar que há um limite muito tênue quando as práticas pedagógicas em arte são focadas nas obras da história da arte para a educação infantil. Muitas vezes, esse foco afasta o espírito inventivo, explorador do mundo, como vimos defendendo nesse trabalho.



Astromélia - 48 anos

Memórias da primeira infância

Vários momentos significativos experienciei na minha infância, mas o que mais marcou foi o “Brincar”. Um brincar de criação, divertimento, trocas, experiências...Um ambiente desafiador, no qual brincávamos na rua, nos pátios, desfrutava das brincadeiras e jogos com minhas irmãs, vizinhos, amigos e amigas, da mesma faixa etária ou não. Brinquei muito de casinha, pega-pega, esconde-esconde, estátua, elástico, sapata, brincadeiras de roda, subir em árvores, jogar bolitas, brinquedos confeccionados por nós, brincadeiras saudáveis.

Vivenciávamos a todo momento a riqueza que tínhamos na natureza, porque não tínhamos muito brinquedo comprado e a TV era somente em horário que tinha acompanhamento de algum adulto. Fui uma criança que brincou bastante.

Educação Infantil: presente ou não. Se presente quais as memórias

Não frequentei a Educação Infantil.

Memórias das atividades artísticas na infância

As atividades que eu mais gostava de fazer com meu pai era confeccionar “pipas” para soltar no campo (construção da Rodoviária de Santa Cruz do Sul hoje). Outro momento muito especial era brincar com barro (argila), onde criávamos potes, cinzeiro, bonecos. Na cozinha ajudávamos a fazer pão com massa (pequena quantidade) modelávamos bonecos, estrelas, bolinhas... Desenho no quadro de giz, escrever e desenhar com pedrinhas na calçada. Já com um galho de árvore desenhava na areia ou na terra.

Com o canudo da moranga, brincava com bolinhas de sabão.

Experiências com Arte na Educação

Na minha vida de escolarização, principalmente no Ensino Fundamental a Arte foi passada, mostrada como algo “PRONTO” e quem sabe desenhar é o ADULTO. Só lembro das atividades de apenas pintar desenhos “mimeografados”, prontos. Não recordo de produções nossas, de momentos onde ganhávamos folhas (branca) para desenhar.

No Ensino Médio (Magistério) também foi construído, ensinado a pintar desenhos (xerocados), copiar com carbono, apenas reprodução.

Na Universidade, com a professora Sandra Regina Richter veio o desafio, o questionamento sobre a “Importância do desenho da criança”.

O respeito das diferenças, as fases do desenho, materiais diversos que devemos trabalhar com as crianças.

Experiências de vida e formação

Desde pequena presenciava minha mãe envolvida, comprometida com a Educação e ao Ensinar. Exemplo de amor, dedicação com os alunos e as famílias. Constantemente a mãe recebia a visita dos alunos em nossa casa para conversar e até mesmo ajudar nas necessidades familiares e na aprendizagem. Era uma admiração e encantamento que tinha em ter este envolvimento, um olhar contagiante de amor e satisfação. Da mesma maneira brincava em casa com minhas bonecas de “aulinha”, reproduzindo falas, gestos e olhares de minha mãe.

Arte no cotidiano hoje e o trabalho como Educadora Infantil

Constantemente tenho vivenciado diversas experiências artísticas, trabalhando com meus alunos e na família, acompanhando meus filhos e realizando com eles diversos momentos artísticos.

Trabalhei com crianças de Educação Infantil até o ano de 2005. No ano de 2006 passei a trabalhar no Ensino Fundamental, com o 1º Ano.

Como a Escola tinha a preocupação com esta criança de seis anos, no 1º Ano, fui convidada a assumir este ensino. Tínhamos muito presente a importância do BRINCAR nesta faixa etária.

No 1º Ano continuei a trabalhar a arte com as crianças, o pintar, desenhar, fantasiar, imaginar e o teatro, sempre utilizando de materiais diversos como tinta, lápis de cor, giz pastel, giz de cera,

anilina, cola, cola colorida, recortes, dobraduras...Incentivando a criança a experienciar, vivenciar, descobrir, reinventar e criar. Trabalhando com as diferenças, onde cada criança tem seu jeito de ser, respeitando a individualidade de cada um.

Outro fator importante para a criança é oportunizar a elas momentos de apreciação, contemplação e observação num simples olhar para uma flor, numa formiguinha caminhando na pracinha, o balanço das folhas.

Observando o TODO, não apenas desenhar por desenhar, mas expressar o sentimento, a beleza que a natureza nos oferece. Para poder expressar no seu desenho os detalhes, enriquecendo seu repertório visual.

A infância de Astromélia, foi um período marcado por brincadeiras, jogos, contato com a natureza, mesmo não frequentando a Educação Infantil teve experiências ricas. Essas memórias de infância nos fazem compreender porque hoje em seu trabalho ela se preocupa em oportunizar para as crianças experiências estéticas como nos fala acima. Na Universidade também lhe foi oportunizado vivências maravilhosas com a professora Sandra Richter.

A forma de usufruir das vivências que temos é estar atento para o que cada situação nos fala, permitindo que a experiência enriqueça nosso olhar, nossa história e nossa comunidade. Passar a vida fazendo de tudo, sem deixar que experiências de fato aconteçam, não permite que nos transformemos, tampouco mexe com nossas sensações, reflexões, ideias e conceitos. Isso só acontece quando temos abertura para observar, sentir e pensar o mundo.



Margarida - 32 anos

Memórias da primeira infância

Há duas coisas que me lembro como se fosse hoje, meu pai apontando um pedaço de madeira (galho) para fazer de conta ser um lápis para então escrever na areia meu nome e usava uma pequena ripa para apagar. E a segunda é de um momento que estive doente e insistentemente fiz meus pais procurar a professora para fazer o desenho mimeografado do coelho, que ela não deu na sala. No entanto foram buscar em sua casa e depois em casa fui pintar e nisso aconteceu uma interferência de meu irmão, o qual disse e me auxiliou a apontar o giz de cera, segundo ele ia deixar a pintura uniforme.

Educação Infantil: presente ou não. Se presente quais as memórias

Não frequentei Educação Infantil. Lembro da professora trazendo desenhos mimeografados de várias datas comemorativas, pois neste ano fez-se a junção dos alunos pré-escolares e 1º série. Também nos levava muito para o campo para brincar de pular corda coletivo, pega-pega, esconde-esconde, bolita (clíca), brincadeiras de roda (viuvinha, a canoa virou, atirei o pau no gato, passa anel, coelho sai da toca).

Memórias das atividades artísticas na infância

Diversas atividades com lápis de cor, canetinhas para fazer contornos, giz de cera e tintas (que amo demais).

Experiências com Arte na Educação

Sempre tive professoras muito especiais nas Disciplinas de Artes, acredito que todos fazem parte dessa visão artística que tenho em minha caminhada. No Ensino Fundamental tive uma base muito pequena, pois entrei para a escola com sete anos sem essa pré caminhada de uma Educação Infantil, mas ao longo desse trajeto passei a ter uma educação com mais cultura onde aprendi ter a visão de espaço, formas, cores, e tudo com muito carinho conduzido pela professora Nádia. Já no Ensino Médio a professora Mariléda, conduziu da mesma forma só de ângulos mais aprofundados como a construção da base dos prédios e ruas, alinhados a seus pontos de referência. As tintas enchiam nossas aulas de alegria com a pintura de painéis nas paredes da escola e entradas.

Na Universidade já a construção era pensando no próximo e não

com a visão de antes (fazer para si mesmo), ali tivemos que aprender a pensar no outro, na necessidade do outro, elaborar para o outro, mas não deixar de pensar no lúdico, nas cores e diversas possibilidades que podemos trabalhar com as crianças.

Experiências de vida e formação

Comecei meus trabalhos como Estagiária do CIEE (sempre como professora). No final de 2007, em meados de outubro, substituí uma professora de pré-escola onde me deparei com extrema dificuldade, pois ainda naquele período não tive muito contato com estágios, mas como se diz “um dia após o outro”. Ali, então, comecei a ter noção de rotinas, de elaboração de atividades, o cuidado para com o outro. Em 2009 tive outra turma de Pré-escola inesquecível. Acredito que foram as crianças mais formidáveis que passaram em minha vida, foi com eles que aprimorei meus conhecimentos e eles comigo (momento de muita sintonia), pais presentes que abraçavam qualquer causa. Nesse período também realizei o estágio de Educação Infantil que também foi inesquecível, trabalhamos o projeto de Meios de Transportes, muitas atividades lúdicas com sucatas, modelagem, entre outras.

No ano de 2010 também tive pré-escola, com certeza outra experiência que não vou deixar de lembrar, crianças com muitas habilidades e facilidades e outras com extremas dificuldades, passando até por necessidades.

No ano de 2011 tive a experiência de trabalhar com alunos de 2º ano, um pouco dificultosa pelo fato de haver três alunos com diferentes necessidades especiais e se tratar de uma realidade com famílias desestruturadas, outras com drogas, a falta de escolaridade dos pais e

principalmente incentivo aos filhos.

Atualmente trabalho com duas turmas, sendo uma de três anos e a outra de quatro anos e meio.

Arte no cotidiano hoje e o trabalho como Educadora Infantil

Hoje minhas vivências diárias acontecem como as luzes que se acendem ao anoitecer, a cada dia parecem mais vivas, é uma energia que contagia meus pensamentos. Penso naquilo que gostaria que minha professora poderia ter me ensinado, mostrado ou realizado na minha infância, nisso me reporto aquilo que acredito ser de extrema necessidade, pois nos dias de hoje nada vem por acaso. Só de ver aqueles olhinhos brilhando com alguma novidade já me realizo, não há valor algum que pague essa minha alegria.

A educação é para mim a minha realização pessoal e profissional, como as crianças dizem “essa profe tá maluquinha”, vivo esse momento como se fosse criança novamente.

As memórias de vida de Margarida chamam atenção pelo fato da presença de desenhos mimeografados e a ideia de se pintar o desenho “uniforme”. Cunha (2014) fala que no processo de aquisição da linguagem gráfico-plástica, o papel dos professores não é o de fornecer às crianças folhas e lápis de cor e deixar que elas se expressem aleatoriamente, como nas atividades de desenho livre, ou o de reduzir os momentos expressivos a exercícios de motricidade fina como pintar formas, recortar sobre linhas, fazer bolinhas de papel crepom.

As vivências de Margarida nos trazem que seus professores trabalhavam com a abordagem pragmática, onde o professor acredita que as atividades de expressão gráfico-plástica devem servir para desenvolver a motricidade, preparar para a escrita

ou aprender a construir formas mais semelhantes ao real. As intervenções pedagógicas são no sentido de domar o caos dos emaranhados com exercícios de contenção (recortar sobre linhas, pintar dentro de formas geométricas ou outras); ou da produção de registros que visem os resultados realistas referentes aos temas desenvolvidos (construir uma maquete após trabalhar sobre meios de transporte); ou de uma aprendizagem feita por meio de conceitos e não de vivências expressivas (por exemplo: ensinar as três cores primárias pela informação e não pela experiência expressiva com as cores). Na abordagem pragmática, os professores priorizam o produto final e não o processo expressivo que conduziu o aluno àquele resultado, as produções servem para ser mostradas aos pais a fim de que eles percebam que seus filhos têm controle motor e estão preparados para a escrita. (CUNHA, 2014, p. 23-24)

Margarida teve em sua infância momentos constantes e ricos de brincadeiras, como relatou em sua entrevista (brincadeiras de roda, esconde-esconde, bolita...) e essa memória lúdica e rica em experiências da infância parece que ecoa em sua prática pedagógica com maior ênfase do que suas experiências de formação.

Majem e Òdena (2010), nos trazem:

Que os meninos e meninas se transformam, é algo que todos sabem. Que se transformam na interação com as pessoas e as coisas, é reconhecido cientificamente. Que muitos meninos e meninas, desde bem pequenos, desperdiçam suas capacidades se não recebem uma educação correta, é uma triste realidade.



Copo de leite - 27 anos

Memórias da primeira infância

Lembro muito das brincadeiras, morava no interior, sempre tive bastante espaço para brincar. Gostava muito de brincar de casinha, andar de balanço e lembro que meus pais participavam das brincadeiras.

Educação Infantil: presente ou não. Se presente quais as memórias

Frequentei a Pré-escola. Recordo da professora (Karin) que era muito querida comigo e com todos. Recordo de brincadeiras (ovo choco, pé de lata), das músicas, massinha de modelar, tinta.

Memórias das atividades artísticas na infância

Sempre gostava de desenhar, em casa tinha pouco material, desenhava com pedrinhas nas lajes, usava os lápis de cor da minha irmã mais velha. Na escola lembro que usávamos diversos materiais, tinta, colagens, argila.

Experiências com Arte na Educação

Na Escola tínhamos uma vez por semana Artes, fazíamos pinturas, colagens de papel crepom, e quase sempre era ligado a data comemorativa. No Ensino Médio não tinha professor específico, era o de Matemática, Ensino Religioso, até a profe de Educação Física dava Artes. Era desenho livre, ou algum artesanato. Já na Universidade foi muita teoria e pouca prática.

Experiências de vida e formação

Comecei a estagiar na Educação Infantil em 2009 até 2011. Em 2012 trabalhei em uma Escola de Ensino Fundamental (EMEF), onde atendia os Anos Iniciais (substituí a professora quando faltava) e a tarde dava reforço para os Anos Iniciais, na metade de 2012 (2º semestre), pela manhã era monitora do 2º Ano e a tarde professora da Pré-escola. Em 2013 trabalhei como monitora em berçários. Em 2014 pela manhã, trabalhei com 2º Ano (séries iniciais) e a tarde com Educação Infantil (turma Maternal). De 2015 em diante trabalho com duas turmas de Maternal, sendo uma de 3 anos e outra de 3 anos e meio.

Minha formação, foi pela Faculdade FTC (EAD) e sempre faço

cursos e oficinas para aprimorar a formação.

Arte no cotidiano hoje e o trabalho como Educadora Infantil

Atualmente minhas experiências artísticas são as que eu faço com as crianças. Já fiz curso de pintura em tecido, faço crochê, bordado.

Como educadora de Educação Infantil acho muito importante o contato com experiências artísticas. Pelo desenho, as crianças podem se expressar, é um bom método de observação. Gosto de pesquisar e trabalhar técnicas diferentes de pinturas, utilizar diferentes texturas para estimulá-los. As crianças são capazes de fazer coisas incríveis.

Podemos perceber que Copo de leite demonstra interesse pela arte mas não teve boas aulas de arte na escola, no período de 1995, possivelmente ela teve aulas centradas na técnicas e hoje continua a pesquisar técnicas com crianças.... Ainda numa concepção de que há uma hora de arte, fazer “trabalhinhos”. Existe uma ausência da visão ampliada de que a criança faz arte todo o tempo enquanto brinca o jogo simbólico.

É fundamental que os professores se deem conta de que suas representações visuais influem no modo como as crianças produzem sua visualidade. Para que as crianças tenham possibilidades de se desenvolver na área expressiva, é imprescindível que o adulto rompa com seus próprios estereótipos e consiga realizar intervenções pedagógicas no sentido de trazer à tona o universo da expressão infantil. (CUNHA, 2014, p. 14-15).

Em seu Ensino Médio, Copo de Leite afirma não ter professor específico de artes, e sim de qualquer área assumia a disciplina. Um dos problemas até hoje em Arte é a formação e a concepção escolar de que Arte qualquer um pode dar então o professor que tem falta de carga horária assume a disciplina, o que nos faz refletir o fato de pesquisar técnicas, citadas nas falas do Copo de Leite.

Um aspecto que julgo importante problematizar é em relação à formação dos professores. Existe muita incompreensão e mesmo ausência de formação dos professores regentes de classe da Educação Infantil, bem como desconhecimento sobre o que seja efetivamente um trabalho de arte que possa ser realizado por um pedagogo. Muitos profissionais atuam como professores de artes, mas sem habilitação específica na área. Entretanto, a

formação específica também não é garantia de um trabalho de arte significativo na Educação Infantil, pois muitos arte-educadores desconhecem os processos de desenvolvimento e aprendizagem dos bebês e das crianças bem pequenas e suas necessidades educativas. Assim, muitos professores, sejam eles regentes, professores de artes sem formação e/ou arte-educadores, têm grandes dificuldades para materializar um trabalho de arte com sentido. Diante de tais constatações, como garantir que na Educação Infantil o trabalho de arte seja a materialização de expressões ricas, inventivas e altamente potencializadoras das capacidades infantis? (BARBIERI, 2012, p.145).

Concordando com Barbieri (2012), a formação em artes nas escolas deixa muito a desejar, consequência de uma defasada formação de professores, que através dos tempos tem privilegiado fórmulas e receitas, sem a necessária vivência ou reflexão, sobretudo no que se refere à arte contemporânea.

A formação e a concepção de artes precisa ser uma formação que fala da vida, dos sons do mundo, dos gestos das pessoas, do movimento, das cores, das luzes, dos espaços, dos ambientes, dos cheiros, das texturas, das percepções.

A área de artes como área de conhecimento, no entanto, exige estudo. A experiência estética e a formação contínua da estética como um todo, dentro de nós, são uma parte pequena do conhecimento da área de artes. Existe outro lado, que é conhecer a história da arte, os jeitos de se fazer arte, as manifestações através dos tempos. Temos que conhecer a evolução histórica, os materiais, os usos dos materiais, as várias mídias e suas respectivas possibilidades de uso. A formação para um professor que quer trabalhar com artes é muito exigente. Não é suficiente entregar os materiais e “deixar rolar”, isso não é aula de arte. Uma aula necessariamente é resultado de reflexão e de escolhas, de intencionalidade. (BARBIERI, 2012, p. 147-148).

5 REFLEXÕES FINAIS

O tempo para a realização da pesquisa foi curto e passou depressa, fazendo com que não conseguisse realizar a entrevista gravada, somente a escrita, o que me fez perder as riquezas dos detalhes das memórias e vivências das educadoras.

Quando lia cada entrevista, era como se vivesse um pouco com elas o caminho percorrido por cada uma, as experiências, os medos, os encantos. Me senti privilegiada ao receber informações tão pessoais, como se cada uma me entregasse um pedaço de sua vida. Tudo tão rico e tão profundo ao mesmo tempo.

Essa experiência foi extremamente importante e fundamental para minha vida profissional, e me fez conhecer mais as educadoras e compreender um pouco do trabalho que cada uma vem desenvolvendo, não apenas como educadora, mas como pessoa também.

As memórias das docentes nos mostram a “Educação Artística” que por muitos anos trouxe como principal missão trabalhar os desenhos prontos, estereotipados, datas comemorativas.

A importância da formação contínua do professor para obter novos conhecimentos e atualizar conceitos, se observa nas falas das professoras, que só iniciaram o processo de mudança de concepção quando iniciaram na universidade. Algumas delas ainda trazem em suas falas um pouco do que aprenderam no Ensino Fundamental, a Educação Artística com visão tecnicista, preocupada com técnicas.

A preocupação com o pintar dentro dos limites, fazer bolinhas de crepom, decorar as salas de aula com bolos de aniversário, ainda aparecem e refletem parte de algumas histórias de vida das educadoras entrevistadas.

É necessário um olhar mais atento e refinado, uma maior sensibilidade, onde a escuta esteja atenta à criança e consiga captar o essencial desta.

Nos questionários realizados, nos relatos de cada docente, de suas memórias, vivências e experiências, não apenas de infância, mas de vida, cada uma com sua personalidade e singularidade, que marcaram e foram fundamentais no caminho destas, aliados à percepção da influência das mesmas em sua formação, e às

contribuições teóricas dos autores como Goodson e Hernández (2004), Coelho (2010), Rangel (2014) e Barbieri (2012), embasaram minha compreensão de que a educação e os processos de aprendizagem não se restringem apenas às instituições de ensino, mas também atravessam direta ou indiretamente cada uma das experiências de vida.

Me questiono se hoje, as crianças tem experiências como Astromélia relatou em seu questionário, que brincava muito em meio a natureza, de esconde-esconde, pulando elástico. As crianças de hoje vivenciam estas experiências? E tenho observado uma realidade triste, onde existe uma alienação nas tecnologias, televisão, tablets, celulares. Uma geração que está fascinada em caçar “Pokémon” em seus celulares e esquece a riqueza que tem à sua volta. Me questiono, esta sociedade tem consciência de que é responsável pela formação dessas crianças?

Ninguém consegue ensinar com qualidade algo que ainda não aprendeu, e se aprendeu de um modo e parou no tempo, precisa estar aberto à novos conceitos, participar de formações, ler. Quando acompanho o trabalho das docentes da Escola onde atuo como diretora, e vejo que poderia ser melhor, pode ser diferente, não precisa existir nos dias de hoje os varais de reprodução, tal e qual iguais, faço a reflexão: como trabalhar e proporcionar para as educadoras essa formação de qualidade sem que elas sintam seu trabalho desvalorizado.

Conhecer a história de vida de cada uma delas me fez entender um pouco a bagagem que trazem, o ensino que tiveram. Se não tiver domínio de um conhecimento, seja na prática ou na teoria, como irá transmiti-lo? É necessário ter a sensibilidade para compreender as características e necessidades das crianças, o olhar e a escuta, permitir que às crianças se conheçam, que explorem os espaços, possam sentir os cheiros, provar sabores, que possam conhecer o mundo através do brincar e das experiências com as linguagens.

Essa experiência com a pesquisa me fez mudar algumas questões e a perspectiva com que via o problema, e me auxiliou muito no trabalho como gestora da Escola, pois me possibilitou conhecer um pouco de cada uma das professoras entrevistadas e pensar mais na qualidade do trabalho, refletir sobre o que posso fazer estando no cargo de diretora hoje, o que posso contribuir no trabalho estando nessa função. Pretendo com esta pesquisa pensar ações para o trabalho das professoras,

proporcionar formação na área, realizar grupos de estudos para que possam entre elas trocar experiências e sugestões. A pesquisa só pode ser concluída com o retorno de cada educadora, dando um pouco de seu tempo, dividindo suas memórias e subjetividades, sem elas não seria possível o trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nancy Nonato de Lima; BARBOSA, Ivone Garcia. **Gestão democrática na Educação Infantil e participação da família: Possibilidades e Limites.** Trabalho apresentado em sessão de comunicação, do XXIV Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação e III Congresso Interamericano de Política e Administração da Educação. Espírito Santo, 2009.

Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2009/138.pdf>
Acesso em: 10.ago.2016.

BARBIERI, Estela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mãe. **Inquietações e mudanças no ensino de arte.** São Paulo: Cortez, 2007

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para Educação Infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA-SP, 1991.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil.** Vol.1. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** 2002.

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social.** São Paulo:Ateliê Editorial, 2003.

COELHO, Roseane Martins. O sujeito e a construção da identidade: implicações na Infância, na Educação e na Arte. In: MARTINS E TOURINHO (org). **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola...**Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

CUNHA (org.). **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

FUSARI, Maria F. R.; FERRAZ, Maria H. C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

GOODSON, I. **Historias de vida del professorado**. Barcelona: Octaedro, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. Las historias de vida como estrategia de visibilización y generación de saber pedagógico. In: GOODSON, I. **Historias de vida del professorado**. Barcelona: Octaedro, 2004.

KINNEY, Linda. **Tornando visível a aprendizagem das crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MAJEM, Tere; ÒDENA Pepa. **Descobrir brincando**. São Paulo: Autores associados, 2010.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho & escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 3ed. São Paulo: Cortez, 1999.

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na Educação Infantil**. n. 92. p.62-69. São Paulo: Cadernos de pesquisa, 1995

ANEXO- Questionário aplicado com as docentes**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL****QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS EDUCADORAS**

- 1) RELATE ALGUMA MEMÓRIA SIGNIFICATIVA PARA VOCÊ NA PRIMEIRA INFÂNCIA?
- 2) VOCÊ FREQUENTOU EDUCAÇÃO INFANTIL?
- 3) SE SIM, COMO ERA? O QUE VOCÊ SE RECORDA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
- 4) O QUE VOCÊ LEMBRA DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA TUA INFÂNCIA, INDEPENDENTE DA ESCOLA?
- 5) QUAL TUA EXPERIÊNCIA COM ARTE NA EDUCAÇÃO? NA ESCOLA FUNDAMENTAL? NO ENSINO MÉDIO? E NA UNIVERSIDADE?
- 6) CONTE UM POUCO SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA E SUA FORMAÇÃO.
- 7) QUAIS SUAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NA VIDA HOJE?
- 8) CONTE UM POUCO DO SEU TRABALHO COMO EDUCADORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL. GOSTARIA DE RELATAR ALGUMA EXPERIÊNCIA COM ARTES COM AS CRIANÇAS?

AGRADEÇO A COLABORAÇÃO A MINHA PESQUISA E ME COMPROMETO COM O ANONIMATO E A FAZER A DEVOLUÇÃO DOS RESULTADOS DESSE ESTUDO.